

Germinal



N.º 16—ANO I
25 de Abril de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»— ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

O Congresso de Ferrol

Segundo as notícias que pelos nossos colegas da imprensa revolucionaria nos vem de Espanha, parece que o congresso de Ferrol será muito concorrido, havendo grande entusiasmo pela sua realização, a qual, como se sabe, deve ter lugar nos primeiros dias do mez proximo.

Já uma vez, pelo menos, aludindo a este congresso, dissemos no *Germinal* que bom seria que dêle pudesse resultar algum bem para as relações entre os proletarios portuguezes e espanhois, manifestando-se por todas as formas, de modo a que dêlas resultasse uma afirmação pratica de solidariedade para a defeza de direitos e conquista de regalias que a todos interessassem.

Quanto mais não fosse, isto bastaria para que não houvesse duvidas sobre a nossa aprovação á realização do congresso. Mas não só por aquêla razão, supomos que o congresso pode ser util, embora aquêle resultado se nos afigure o mais importante e o menos difficil de obter, desde que, o que se não deve pôr em duvida, haja boa vontade de ambos os lados. Alem da vantagem que ha sempre em se alargar a esfera das relações entre camaradas, e que é comum a todos os congressos, ha ainda neste, a que pode resultar duma serena e elevada discussão de ideias sobre a attitude a tomar pelos revolucionarios em face da conclusão da paz e sobre a orientação a seguir no futuro, no que respeita á propaganda anti-militarista.

Mas porque assim pensamos, não queremos as nossas palavras dizer que estejamos entusiasmados com o congresso, convencidos de que êle vae ser um feliz acontecimento para as ideias que defendemos. Se admitimos e

desejamos que ele seja util, tambem admitimos e tememos que todo ou quasi todo o trabalho possa resultar inutil.

Se assim falamos, não é pelo prazer, que não temos, em esfriar entusiasmos, ou para nos salientarmos com receios por outros não sentidos; é porque continuamos convencidos de que estamos num momento da evolução das nossas ideias, em que é preciso dizer tudo que se pensa, porque alem de tudo o mais, trata-se dum momento de afirmação de stititudes perante os acontecimentos que surgem.

Por este motivo, com toda franqueza dizemos que, se no congresso se seguir a orientação que os seus organisadores teem manifestado até agora, com os fins que atribuiram á reunião e os meios indicados para os atingir, esta resultará completamente inutil, tendo-se mais uma vez gasto, em pura perda, tempo, energias e dinheiro. E peor será, se ao mal daquela orientação se juntar a oratoria inflamada, os discursos sem fim, as afirmações ousadas sobre o que se pretende e a possibilidade de o pôr em pratica.

Esperamos que assim não será e que os congressistas, pondo de parte os fins e os meios preconizados pelos organisadores do congresso e encarando-os apenas como um motivo, embora mal escolhido, da sua realização, se occuparão, sem grande eloquencia, com prudencia e clareza, de alguma coisa pratica, concreta, de possível realização.

Tarrida

Formou-se em Londres um *comité*, que tem já bastantes adesões em Paris, na Italia, Suissa e na Espanha, para obter socorros immediatos em favor da viuva e de quatro filhos de Tarrida del Marmol.

A PROPOSITO DA GUERRA

Os anarquistas e a guerra — Operarios alemães e operarios ingleses
O desmembramento da Alemanha.

«Numa serie de artigos na *Bataille Syndicaliste* tem Jean Grave defendido e explicado porque defende a «participação dos anarquistas na resistencia á agressão alemã», por uma forma tão clara e tão convincente, que só as arcaicas dimensões do *Germinal* e a multiplicidade de assuntos teem impedido que os reproduzamos. Mas a carta que elle dirigiu ao jornal italiano *Liberario* (*Bataille Syndicaliste*, 11-4-915) pareceu-nos tão interessante, que vamos reproduzi-la, com as palavras de que J. Grave a faz preceder e que são mais uma concordancia com o que no *Germinal* temos dito.

«Tenho tanto empenho em que os camaradas não se equivoquem sobre as razões que me fazem aprovar a participação dos anarquistas na resistencia á agressão alemã, que aos quatro artigos que a *Bataille* acaba de publicar sobre o assunto, desejo juntar a carta que segue, que eu tinha dirigido aos camaradas do *Liberario* para bem aclarar esta questão. Eu desejo sobretudo, que se compreenda que esta participação na defesa não implica de modo algum, da parte dos anarquistas, uma aliança com os homens do poder, nem o abandono de qualquer das no-sas reivindicações, nem uma adesão á politica governamental. Um desastroso concurso de circunstancias faz com que nos encontremos do mesmo lado da barricada; o fosso que nos separa continua sempre aberto.

«Camaradas do *Liberario* :

(*Seis linhas de censura*).

«Em primeiro lugar, agradeço vos terdes-me franqueado as columnas do vosso jornal, permitindo-me assim exprimir o meu pensamento; permiti no entanto que vos diga que vos enganais por completo, attribuindo-me uma ingenuidade que já não possuo, suppondo-me presa de illusões que voaram ha muito».

(*Sete linhas de censura*).

«Mas se sob o ponto de vista filosofico todos os governos se equivalem, na realidade o triunfo do militarismo prussiano teria sido um recuo, um serio recuo para a humanidade. O que nos deixará esta guerra? Quem o pode dizer? Mas o que é certo é que se o estado maior alemão tivesse podido impunemente esmagar a Belgica e a França, seguir-se-ia a vez da Inglaterra, depois a das outras nações, o militarismo triun-

fante durante seculos, talvez, em toda a Europa. Com revoluções provavelmente; mas revoluções de nações querendo libertar-se do jugo estrangeiro. Era a questão economica adiada por não sei quanto tempo.

O perigo mais immediato era o (*sema linha de censura*) triunfo do militarismo. E' a militarização da Europa que se precisava impedir. Não podendo desembaraçar-nos dos nossos senhores, não era isso razão para nos submettermos, inertes, ao capricho de um agressor. Neste caso bastava ser descarado para ter razão. Eis porque eu acho que os anarquistas que se juntaram aos que resistiam contra a agressão alemã, procederam bem.

Sem duvida, o governo francês dá provas dum absolutismo intoleravel e duma estreiteza de vistas imperdoavel; mas o que é certo é que quando o solo francês estiver livre do invasor, o governo já não terá a desculpa da salvacão publica para manter a censura e ver-se-á forçado a levanta-la. O que o publico hoje aceita — estupidamente, é certo — porque lhe fazem soar aos ouvidos as grandes frases, não o aceitará sempre tão benevolamente. Os que se tiverem batido terão o direito — e saberão exercer-lo — de dizerem de sua justiça.

O que é certo tambem, é que se os anarquistas continuam a envolver-se no manto dos principios, deplorando os males da guerra, mas não sabendo que fazer para ajudar os outros a sahir dela, perderão contacto com a opinião publica, visto a hora não ser de pregação, mas de accção. A guerra estando desencadeada, só pode ser detida pela derrota do agressor ou pelo esmagamento do imperialismo pelos nossos camaradas alemães.

Se queremos ser ouvidos pelos que se batem, é preciso que estejamos com eles na luta contra o que eles consideram — e é o com efeito — ser um perigo. E' nos preciso agitar a opinião para impedir que politicos e diplomatas nos arranjem uma paz que deixaria a Europa num mal-estar constante.

Mas para isso é preciso não desertar da luta. Isolados, não seremos escutados. Existe uma opinião publica em França, que pode neste momento estar muda, mas que não deixa por isso de existir; opinião que é preciso despertar, que actua fortemente em Inglaterra (e que de resto existe em toda a parte onde ha homens que pensam) para que a futura paz seja uma reconciliação entre os combatentes, se os nossos camaradas alemães souberem desembaraçar-se do seu imperialismo e do seu militarismo que são tão deprimentos para eles como pa-